

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Caetano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Desculpe, presidente, mas experiente o senhor não é.

O presidente José Sarney pode ser criticado sob diversos aspectos, mas ninguém se atreveria a imaginar que ele é louco. Também não teria qualquer credibilidade uma acusação de que seja ignorante. Além disso, todos nos garantem que, no trato social, o presidente é um homem polido, afável e até humilde. Não teria coerência, portanto, supor que em qualquer diálogo ele esteja fazendo pouco do interlocutor ou faltando com o respeito à sua inteligência.

Isso tudo nos leva a sérias meditações sobre o que andou dizendo o presidente durante café da manhã com jornalistas, no Palácio do Planalto. Na conversa informal o presidente lembrava que "diziam" que a causa da inflação era o déficit público, e completava: "Nós o controlamos". Depois, "diziam" que eram os preços industriais e as tarifas "e nós os seguramos". Enfim, que eram os preços agrícolas: "E nós importamos alimentos para estabilizá-los". Com tudo isso, a inflação deveria ter baixado e não baixou, conclui o presidente. Portanto, qual a explicação que ele tem para o fenômeno? É que no Brasil se formaram interesses (sic) que impedem a baixa da inflação. São — é textual dele — os interesses dos "donos do capital", que ganham com a inflação mesmo nos sábados, domingos e feriados.

Como, evidentemente, em nenhum café da manhã se costuma servir bebidas alcoólicas e além disso o presidente Sarney é abstêmio, a coisa assume aspectos de extrema gravidade. Sim, porque tão infantis, incoerentes e desarrazoadas afirmações só podem ser atribuídas ao fato de que ele acredita nelas! E só pode acreditar por estar desinformado, mal-informado e arditosamente assessorado por quem deseja conduzir o espírito e a mente do chefe da Nação a conclusões politicamente afinadas com seus próprios e interesseiros propósitos ideológicos. Na mesma conversa com jornalistas, disse Sarney, com grande dose de modéstia, que suas duas únicas qualidades são "paciência e experiência". Acreditamos que ele terá muitas mais. Experiência, no entanto, com problemas de administração econômico-financeira, s. exa. que nos perdoe, mas não tem nenhuma.

Por isso não sabe que, mesmo que o déficit público realmente tivesse sido controlado, de maneira correta e saudável, "nos últimos dois meses", como o próprio presidente informava à Nação em recente discurso, não teria havido tempo ainda para influência positiva sobre o índice de inflação. Não sabe, também, que mesmo que os preços industriais e as tarifas públicas estivessem firmemente "seguros" pelo governo — o que absolutamente não ocorre, principalmente em relação às tarifas públicas — o efeito sobre a inflação demandaria maior prazo. E não sabe, enfim, que mesmo que os alimentos importados já estivessem todos aqui e ao alcance dos consumidores, o que também não aconteceu ainda, o impulso ganho pela inflação só cederia mais adiante.

O chefe da Nação, portanto, continua incidindo naquêle perigoso equívoco que apontávamos outro dia: o de pensar que providências e medidas tomadas pelo governo têm efeitos práticos imediatos; e, em segundo lugar, de imaginar que os benefícios também sejam automáticos — o que se revela na sua intrigante surpresa pelo fato de a inflação ainda não ter baixado.

Ora, para nós isso não é nenhuma surpresa. As medidas corretas no rumo que consideramos válido só começaram a ser tomadas pelo ministro da Fazenda muito recentemente — na verdade, com a reunião do CMN que "fechou" a conta-movimento do Banco do Brasil. Numa seqüência lógica as autoridades vêm adotando, desde então, uma série de providências que podem controlar o déficit público — embora não possam baixá-lo — se forem implementadas e mantidas de fato. Mas, mesmo o controle do déficit público ainda está longe de ser obtido. O que parece ter sido conseguido nestes últimos dois meses, é certa arrumação do fluxo de caixa governamental, à custa basicamente, ainda, do deferimento de despesas e da antecipação de receitas, e não da diminuição real dos gastos públicos e da elevação também real e definitiva das receitas. Na prática, o déficit de hoje está sendo postergado para amanhã, confiando-se na sua redução e moderação durante o tempo ganho.

Nem poderia ser de outra forma, uma vez que medidas concretas e decisivas para eliminar gastos e para impedir que os gastos remanescentes cresçam mais do que a inflação ainda não foram efetiva e eficazmente adotadas.

A infantil análise que o presidente desfia perante os jornalistas nos parece, por conseguinte, denunciar uma ominosa e maquiavélica ação política em torno de s. exa. que, por inexperiência, não pode percebê-la. Alguém estará convencendo o presidente de que tudo que precisava ser feito para reduzir a inflação já foi feito, e de maneira correta. Mais que isso, já produziu os resultados que se pretendia. Mesmo assim a inflação não cai. Por conseguinte, explicam esses assessores ao presidente, ela só pode ser obra dos eternos inimigos do povo, ou seja, os capitalistas em geral. Eles é que não querem que a inflação baixe, porque "ganham" com ela. Por incrível que pareça, essa história da carochinha merece atenção do presidente. Pior que isso, ele não hesita em reproduzi-la em conversas informais com jornalistas.

Naturalmente tais versões sobre as razões que impedem a queda da inflação ganharão status ainda mais "científico" e reforço dialético nos salões presidenciais graças à escalação, para o time de economistas chapona branca, de mais uma devotada, isenta e desapaixada analista de problemas econômicos: a professora Maria da Conceição Tavares. Trata-se de uma iniciativa do ministro João Sayad, que dá mostras de não temer o destino de outros governos brindados com semelhante assessoria — os de Allende, no Chile, e de Alvarado, no Peru. Resta-nos a remota esperança de que seu patrício Mário Soares, recém-eleito para a Presidência de Portugal, a convoque para assessorá-lo...

De modo que a recém-criada UEB — União dos Empresários Brasileiros —, se pretende ganhar mentes e corações neste país para a causa da livre iniciativa, de maneira isenta, democrática, por meio do debate honesto e aberto, da discussão franca, da persuasão e da comprovação de que este é o melhor caminho para o nosso desenvolvimento, já pode marcar audiência como um interlocutor que está precisando ouvi-la: o presidente da República. E em seguida precisa insistir para ganhar espaço na convi-

vência palaciana cotidiana. Caso contrário, tudo o que levar aos ouvidos do presidente será em poucas horas demolido, minimizado ou deturpado por aqueles cujo propósito não é dar um grande destino ao Brasil, mas sim às suas particulares aspirações e teses ideológicas. E que estão plantados à porta de s. exa., prontos para manipulá-lo como o mais eficiente de todos os inocentes úteis.